

Manifeste des Intellectuels

♦A expressão *intellectuais* foi consagrada durante o caso Dreyfus, principalmente quando em 14 de Janeiro de 1898 surgiu o *Manifeste des Intellectuels*, dinamizado por Clemenceau e publicado no jornal *L'Aurore*, depois do aparecimento do *J'Accuse* de Zola. Entre os subscritores, para além de Zola, os Halévy, Anatole France, Léon Blum e Marcel Proust. Já antes Henry de Bérenger (1867-1952) tinha falado em *L'Aristocratie Intellectuelle*, 1895, repetindo o modelo em *La France Intellectuelle*, de 1899. Contra a posição dos *dreyfusards*, logo se levanta uma corrente nacionalista liderada por Maurice Barrès. Segue-se Charles Péguy, em 1906, nos *Cahiers de la Quinzaine*, falando na *dominação do partido intelectual*. Uma perspectiva também assumida por sindicalistas revolucionários como Georges Sorel e E. Berth. Esta perspectiva retoma algumas linhas dos *philosophes* da *république des lettres*, conforme havia sido enunciada por D'Alembert, bem como algo das teses de Saint-Simon sobre os *savants*. Tal como a corrente contrária retoma a perspectiva de Burke, quando criticava o facto dos homens de letras se tornarem políticos, formando uma *cabala filosófica e literária* destinada a monopolizar a opinião pública. Da mesma forma, Alexis de Tocqueville, em 1856, critica nos intelectuais políticos a sua falta de experiência e a sua tendência para propalarem ideias gerais que levam a extremismos simplistas.